LINDA – COMO NO HOMICÍDIO LINDA

LEIF G. W. PERSSON

LINDA — COMO NO HOMICÍDIO LINDA

Tradução do sueco
NEIL SMITH

Tradução do inglês
ANA FALCÃO BASTOS E CLÁUDIA BRITO

BERTRAND EDITORA
Lisboa 2015

Para Maj Sjöwall e Peter Wahlöö —
que foram melhores do que quase toda a gente

CAPÍTULO 1

Växjö, sexta-feira, 4 de julho

Foi uma vizinha que encontrou Linda, o que, bem vistas as coisas, foi muito melhor do que se tivesse sido a mãe a encontrá-la. Isso também evitou que a polícia perdesse imenso tempo. A mãe de Linda só planeara regressar do campo no domingo ao fim da tarde, e ela e a filha eram as únicas que viviam no apartamento. Para a polícia, quanto mais cedo melhor, sobretudo quando se tratava de uma investigação policial.

O alarme soara no centro de comunicação regional da polícia de Växjö cinco minutos depois das oito da manhã, e um carro-patrulha que estava nas redondezas respondera à chamada. Apenas três minutos mais tarde já estavam a dar informações. Encontravam-se no local, a mulher que dera o alarme estava instalada em segurança no banco de trás do carro-patrulha, e estavam prestes a entrar no edifício para avaliar a situação.

Fora o próprio agente de serviço que atendera a chamada. Os dois homens mais jovens que tinham respondido ao alerta tinham já conseguido adquirir uma certa fama na polícia local. Infelizmente, não era uma fama totalmente positiva; como o agente de serviço tinha o dobro da idade deles, trabalhava há trinta anos na polícia e achava que já passara tempo suficiente enterrado na merda, o seu primeiro instinto fora enviar reforços. Contudo, enquanto ele refletia nisto, eles deram mais informações. Passados apenas oito minutos e pelo telemóvel, para que nada do que dissessem pudesse ser ouvido por alguém que estivesse à escuta. Eram então oito e um quarto.

É de assinalar que, por uma vez, apesar da sua idade, experiência e reputação, eles tinham feito tudo bem. Tinham feito tudo o que deviam, e um deles tinha até feito mais. Conquistou uma pequena estrela de ouro na folha de serviços, de uma forma que até ali era inédita nos registos da Autoridade Policial de Växjö.

No quarto do apartamento, tinham encontrado uma mulher morta. Tudo indicava que tinha sido assassinada e que isso acontecera apenas umas horas antes. Não havia sinais do agressor, à exceção de uma janela do quarto aberta nas traseiras do edifício, que pelo menos dava alguma indicação de como ele teria abandonado o local do crime.

Infelizmente, houve uma complicação. O jovem agente que falou com o agente de serviço estava convencido de que conhecia a vítima. E se ela era quem ele pensava, isso queria dizer que o agente de serviço estivera com ela em várias ocasiões durante o verão e mais recentemente no dia anterior.

— Isso não é mesmo nada bom... — murmurou o agente de serviço, como que de si para consigo.

A seguir, pegara na pequena lista do que devia fazer se o pior lhe acontecesse no trabalho. Uma folha A4 plastificada, com dez coisas a não esquecer e o título estimulante de *Se houver merda da grossa no trabalho*. No início de cada turno, ele colocava a folha por baixo do papel mata-borrão e tinham passado quase quatro anos desde a última vez que tivera motivos para a tirar de lá.

— Muito bem, rapazes — disse o agente de serviço. — Eis o que vamos fazer...

E a seguir fizera tudo o que era razoável esperar que fizesse. Mas não mais do que isso, porque na sua idade esse género de excitação já não é desejável.

O carro-patrulha que chegara ao local do crime transportava inicialmente dois jovens agentes de Växjö. Um deles era o inspetor interino Gustaf von Essen, de trinta anos e conhecido no departamento como o Conde por causa do nome, embora tivesse sempre o cuidado de explicar que na realidade era apenas «um barão perfeitamente vulgar». O outro agente do carro-patrulha era quatro anos mais novo: o agente Patrik Adolfsson, conhecido por Adolf por razões que, infelizmente, não se limitavam apenas ao apelido.

Quando responderam à chamada encontravam-se apenas a poucos quilómetros da morada indicada e estavam a regressar à esquadra. Como não havia praticamente trânsito na zona àquela hora da manhã, Adolf fizera uma curva de cento e oitenta graus, carregara no acelerador e voltara para trás o mais rapidamente possível, sem luzes nem sirene, enquanto o Conde se mantinha atento a qualquer movimento suspeito na direção oposta.

Juntos, somavam quase duzentos quilos de agente de primeira da polícia sueca. Quase só músculo e osso, com todos os sentidos e todas as funções motoras na melhor forma possível, eram, em conjunto, a equipa de intervenção de sonho para qualquer cidadão aterrorizado que ligasse a participar que tinha três arruaceiros desconhecidos no alpendre a tentar arrombar a porta da frente.

Quando pararam o carro à frente do edifício da rua Pär Lagerkvists, onde o crime alegadamente ocorrera, uma mulher de meia-idade precipitou-se para a rua na direção deles num estado de grande nervosismo. Agitava os braços e tropeçava nas palavras, e Adolf, que foi o primeiro a sair do carro, colocara o braço gentilmente à volta dos ombros dela e conduzira-a até ao banco de trás com um reconfortante «Agora está tudo bem». Enquanto o Conde se posicionava nas traseiras do edifício, de arma em punho, não fosse o criminoso estar ainda no local e tentar escapar por ali, Adolf verificara rapidamente o átrio do edifício e entrara depois no apartamento. Foi fácil, pois a porta da rua estava escancarada.

Foi neste momento que ele conquistou a sua estrela de ouro, antes de fazer, pela primeira vez, todas as outras coisas que fora ensinado a fazer na Academia da Polícia em Estocolmo. Com a pistola em punho, revistara o apartamento, deslizando ao longo das paredes para não contaminar nada desnecessariamente para os colegas da equipa forense, nem proporcionar ao perpetrador um alvo fácil, caso este ainda estivesse por ali e fosse louco ao ponto de tentar alvejá-lo. Mas a única pessoa que lá se encontrava era a vítima. Estava estendida na cama, imóvel, por baixo de um lençol manchado de sangue, que lhe cobria a cabeça, o tronco e metade das coxas.

Através da janela aberta do quarto, Adolf gritou ao Conde que podia avançar para as escadas e, em seguida, colocou a pistola no coldre e pegou na pequena máquina fotográfica digital que tinha debaixo da axila esquerda. Tirou rapidamente três fotografias do corpo coberto

antes de dobrar cuidadosamente o lençol para trás a fim de verificar se ela estava viva ou morta.

Com o indicador direito, conseguira localizar-lhe a carótida, ainda que isto fosse inteiramente desnecessário, atendendo ao nó corrediço que tinha à volta do pescoço e à expressão dos olhos. Depois apalpara-lhe cuidadosamente as faces e as têmporas. Por oposição às mulheres vivas que tocara da mesma maneira, a pele dela pareceu-lhe inerte e rígida sob as pontas dos seus dedos.

Ela parece completamente morta, mesmo que não tenha morrido há muito tempo, pensou.

Mas também a reconhecera. Não como alguém que simplesmente já vira antes, mas como alguém que ele conhecia realmente, com quem tinha falado e que posteriormente fora alvo das suas fantasias. O mais estranho de tudo tinha sido que, embora ele não fizesse tenção de alguma vez contar isso a alguém, nunca se sentira tão *presente* como naquele momento. Completamente presente, mas ao mesmo tempo como se estivesse ele próprio a observar de fora o que estava a acontecer. Como se aquilo não tivesse nada que ver com ele e menos ainda com a mulher que jazia morta na cama e que provavelmente algumas horas antes devia estar tão viva como ele.

CAPÍTULO 2

A testemunha que encontrara a vítima e chamara a polícia foi interrogada pela primeira vez por volta das dez da manhã por dois inspetores. O interrogatório foi gravado e datilografado no mesmo dia. Cerca de vinte páginas: Margareta Eriksson, cinquenta e cinco anos, viúva, sem filhos, habitava o último andar do edifício onde viviam a vítima e a mãe.

A última página da transcrição referia que a testemunha fora informada de que ficava obrigada a guardar sigilo, de acordo com o parágrafo 10, capítulo 23 da Lei do Processo Judicial. Contudo, ela não manifestou qualquer reação perante o facto de não estar autorizada, «sob pena de sanção penal», a divulgar a quem quer que fosse o conteúdo do interrogatório. O que em si não era assim tão estranho. Não era o género de coisa que normalmente fosse gravada e, além disso, ela reagira como quase toda a gente reagia ao receber a mesma informação: ela não era, de forma alguma, o tipo de pessoa para se ir pôr a coscuvilhar acerca de uma coisa daquelas.

O edifício, que era composto por uma cave, quatro pisos e um sótão, pertencia a uma associação de residentes, da qual a testemunha era também a presidente. Dois apartamentos em cada um dos três pisos inferiores, e um no topo, com o dobro da área, onde vivia a testemunha. No total, sete habitações, todas elas pertencentes a pessoas de meia-idade ou mais velhas, pessoas solteiras ou casais com filhos adultos que tinham saído de casa. A maioria estava fora, de férias, no momento do crime.

O apartamento em que o crime ocorrera pertencia à mãe da vítima e, segundo a testemunha, a filha também lá vivia às vezes. Nos últimos tempos, a testemunha vira a jovem com bastante frequência,

mas a mãe estava de férias e passava a maior parte do tempo na casa de campo em Sirkön, uma ilha vinte quilómetros a sul de Växjö.

O apartamento, com quatro divisões e uma cozinha, ficava no piso térreo quando visto da entrada da rua; mas como o edifício se localizava numa encosta, era na realidade um primeiro andar nas traseiras que davam para o quintal, que por sua vez ia dar a uma pequena zona arborizada, rodeada por moradias isoladas e alguns blocos de apartamentos.

A testemunha tinha um cão e, de acordo com o que disse durante a entrevista, os cães tinham sido a sua grande paixão durante muitos anos. Naquele momento tinha dois, um labrador e um *spaniel*, que levava à rua quatro vezes por dia. Às sete da manhã dava normalmente um grande passeio com eles, que durava pelo menos uma hora.

— Sou uma madrugadora. Nunca me custou acordar cedo. Odeio ficar na cama depois de acordar.

Quando voltavam a casa, ela tomava o pequeno-almoço e lia o jornal da manhã enquanto os cães comiam a «ração matinal». Ao meio-dia, ia dar outro passeio com eles, que durava novamente cerca de uma hora, e no regresso costumava almoçar, enquanto os seus amigos de quatro patas eram recompensados com «uma orelha de porco seca ou qualquer coisa apetitosa para roer».

Às cinco voltava a sair, mas desta vez durante menos tempo. Cerca de meia hora, para ter tempo de jantar e de «dar ao *Peppe* e ao *Pigge* a ração da noite» em paz e sossego, antes de serem horas de ligar a televisão para ver o telejornal. Isso deixava «o chichi da noite» para algures entre as dez e a meia-noite, consoante o que a televisão tivesse para oferecer.

Por outras palavras, ela tinha uma rotina rígida que parecia ser em grande medida ditada pelos cães. Costumava ocupar as horas livres entre os passeios a fazer coisas na cidade, a visitar amigos, «na sua maioria mulheres como eu e outras pessoas com cães», ou a trabalhar no apartamento.

O marido, que morrera havia dez anos, fora contabilista por conta própria, e ela tinha trabalhado para ele a meio tempo. Depois de ele morrer, ela continuara a ajudar alguns dos antigos clientes. Mas a sua principal fonte de rendimento era a pensão deixada pelo marido.

— O Ragnar teve sempre imenso cuidado com este género de coisas, de modo que não tenho qualquer motivo para me preocupar.

A entrevista fora realizada no apartamento dela. Os agentes que a interrogaram puderam constatar com os seus próprios olhos que não havia razões para duvidar daquela última questão. Tudo o que viam indicava que Ragnar tivera o cuidado de acautelar o sustento da mulher depois de ele morrer.

Às onze horas da noite anterior, quando estava ocupada com o chamado «chichi da noite», vira a vítima sair pela porta do prédio e partir em direção ao centro da cidade.

— Parecia que ia a uma festa, embora eu tenha tendência para achar que atualmente é esse o aspeto da maioria dos jovens, independentemente da hora do dia.

A vítima encontrava-se a cerca de trinta metros mais adiante na rua e não se tinham cumprimentado, mas ela tinha a certeza de que a pessoa que vira era ela.

— Acho que ela não me viu. Devia estar com pressa, senão tinha-me cumprimentado.

Cinco minutos mais tarde tinha voltado ao seu apartamento e, conforme a sua rotina habitual, fora para a cama e adormecera mais ou menos de imediato, e era praticamente tudo o que recordava da noite anterior.

Aquele verão incrível tinha começado em maio e parecia não querer terminar. Dia após dia, sem a menor aragem, o sol quente como um churrasco, o céu de um azul descolorado, implacável, sem nuvens, sem sombra. Dia após dia, com a temperatura a bater novos recordes. Na manhã seguinte, ela saíra com os cães muito cedo, às seis e meia.

Era mais cedo do que de costume, mas tendo em conta o «verão absolutamente extraordinário... não me parece que fosse a única... quis evitar as horas de maior calor». Qualquer dono de cão responsável sabe que os cães não gostam de fazer exercício quando está calor.

Ela seguira o mesmo percurso que fazia sempre. Virara à esquerda ao sair do prédio e subira a rua, passando pelas casas vizinhas, descera depois o caminho à direita em direção à zona arborizada maior que se estendia por umas centenas de metros atrás do edifício

onde vivia. Meia hora mais tarde, altura em que o calor já era insuportável, embora não passasse ainda muito das sete da manhã, decidira voltar para trás e regressar a casa. *Peppe* e *Pigge* arfavam pesadamente e até a sua dona ansiava pela sombra do apartamento e por beber qualquer coisa fresca.

Mais ou menos na altura em que decidira voltar para trás e ir para casa, o céu enchera-se subitamente de nuvens e ficara negro, um vento começara a fustigar os arbustos e as árvores, e ela ouvira trovejar não muito longe dali. Quando as primeiras gotas grossas começaram a cair, encontrava-se apenas a algumas centenas de metros de casa e começara a correr, embora fosse inútil, pois a chuva transformara-se já num aguaceiro torrencial. Quando chegou ao prédio vinda do quintal das traseiras, estava completamente encharcada.

Foi nessa altura que reparou que a janela do quarto da vizinha estava aberta e que as cortinas estavam já ensopadas.

Assim que chegou ao átrio do edifício, «deviam ser umas sete e meia, se não estou em erro», tocara várias vezes a campainha da vizinha, mas ninguém respondera.

— Pensei que ela devia ter chegado tarde a casa e aberto a janela. Não que adiantasse grande coisa, pois está muito mais calor lá fora do que dentro de casa. Em todo o caso, quando saímos para o chichi da noite, a janela estava fechada, porque em geral eu reparo nessas coisas.

Como ninguém respondera, ela apanhara o elevador para o andar dela. Tinha secado os cães o melhor possível e vestido roupa seca. Estava de mau humor.

— Isto é uma propriedade partilhada e os danos provocados pela água não são encarados de ânimo leve. Além de haver o perigo dos assaltos. Claro que o parapeito da janela está a alguns metros de altura, mas não passa um dia sem que se veja qualquer coisa no jornal sobre ladrões que roubam tudo o que as pessoas têm e, mesmo que estejam completamente drogados, não deve ser difícil pedir uma escada a um amigo, pois não?

Mas o que havia ela de fazer? Falar com a filha a próxima vez que a encontrasse? Ligar à mãe a fazer queixa? Quinze dias antes houvera uma tempestade semelhante, mas essa durara apenas dez minutos antes de parar tão abruptamente como havia começado; o sol voltara depois a brilhar num céu azul sem nuvens, e até fora bom para os

relvados e para as outras plantas. Mas não daquela vez; passado um quarto de hora, depois de ter preparado as tigelas de comida dos cães e de ter feito café, continuava a chover com força, e ela tomara subitamente uma decisão.

— Como já disse, sou presidente da associação de residentes, e costumamos olhar uns pelos outros. Sobretudo durante o verão, quando tanta gente está de férias. Por isso, tenho cópias das chaves de quase todos os apartamentos do edifício.

Ela fora então buscar a chave que a mãe da vítima lhe dera, apanhara o elevador para o rés do chão, tocara a campainha mais algumas vezes, «não fosse ela afinal estar em casa», e em seguida abrira a porta com a chave e entrara no apartamento.

— A casa estava como estão as casas quando os jovens lá ficam sozinhos, por isso não me causou grande estranheza. Acho que chamei para ver se estava lá alguém, mas ninguém respondeu, por isso entrei... no quarto... sim... e depois vi o que tinha acontecido. Percebi imediatamente. Por isso... virei-me e corri para a rua. Estava aterrorizada, pensei que ele pudesse ainda lá estar. Felizmente, tinha o telemóvel comigo e foi nessa altura que liguei... que liguei para o número de emergência... Sabem, o cento e doze. E a verdade é que eles responderam imediatamente, ainda que digam nos jornais que a polícia nunca está onde deve estar.

Ela não chegara a fechar a janela do quarto, o que não era muito importante porque na altura em que o primeiro carro-patrulha se apresentou no local do crime tinha parado de chover e qualquer dano provocado pela chuva era agora completamente irrelevante. O agente Adolfsson não tivera naturalmente qualquer intenção de a fechar. Na verdade, reparara que havia abundantes vestígios de sangue diluído no lado de fora do parapeito da janela, mas decidiu deixar esse pormenor específico para os colegas do departamento forense.

O verão mais quente de que havia memória, uma vizinha que fora dar o seu passeio matinal com os cães e que, por acaso, tinha uma cópia das chaves do apartamento da vítima, um aguaceiro súbito, uma janela aberta. Um conjunto de circunstâncias, a mão do destino, se quiserem, mas independentemente do que se lhe chamar, era o que permitia que a polícia descobrisse que as coisas tinham acontecido daquela e não de outra maneira. Tendo em conta as alternativas, esse estava longe de ser o pior desfecho possível.

CAPÍTULO 3

O agente de serviço dera, sem dúvida, o seu contributo. Passadas menos de duas horas, todas as pessoas que deveriam estar no local do crime encontravam-se de facto lá. Infelizmente, também lá estavam muitas outras pessoas cuja presença eles teriam com gosto dispensado, mas ele nada podia fazer acerca disso, e a área em redor do edifício tinha sido isolada, tal como a rua à frente, em ambas as direções.

Agentes fardados tinham começado a revistar de forma metódica as propriedades vizinhas e a zona circundante, enquanto uma patrulha com cães tentava apanhar o rasto que imaginavam que o criminoso devia ter deixado ao saltar pela janela aberta nas traseiras do edifício. Contudo, não tiveram êxito, o que não era de admirar, tendo em conta a chuvada que caíra umas horas antes.

A equipa forense começara a revistar o apartamento. O médico-legista fora contactado e estava a vir da sua casa de campo. Agentes da Unidade Nacional de Combate ao Crime do condado tinham já realizado uma primeira entrevista à testemunha que encontrara o corpo, e o pai e a mãe da vítima haviam sido informados do sucedido e tinham sido acompanhados à esquadra. Em breve, os agentes começariam a bater porta a porta na zona, e todos os pontos da lista do agente de serviço, à exceção do último, tinham sido cumpridos e riscados.

Quando teve a certeza de que todos as peças estavam no lugar, ou pelo menos a caminho disso, atirou-se ao último ponto da lista e ligou para o comissário da polícia do condado. Surpreendentemente, apesar de ser uma sexta-feira daquele verão interminável e de o homem estar de férias, não se encontrava na sua casa de campo, na

costa, perto de Oskarshamn, a uma centena de quilómetros de Växjö, mas atrás da secretária, alguns pisos mais acima, no mesmo edifício que o agente de serviço. Passaram quase quinze minutos ao telefone. Falaram sobretudo da vítima e, quando a conversa terminou, apesar de ser um homem experiente e calejado, o agente de serviço sentiu-se de repente inexplicavelmente deprimido.

Na verdade era estranho, porque em geral ele sentia-se estranhamente eufórico quando recordava o que acontecera a última vez que precisara de consultar a sua lista manuscrita. Estava num destacamento prolongado na polícia de Kalmar, quando dois dos piores arruaceiros da zona tinham começado aos tiros como doidos em pleno dia, no meio da cidade, entre indivíduos decentes e respeitadores, e tinham disparado duas dezenas de tiros em todas as direções possíveis. Como que por milagre, só tinham conseguido atingir-se um ao outro. Uma coisa daquelas só podia acontecer na província de Småland, pensara na altura o agente de serviço.

O comissário da polícia do condado também não estava contente. Era verdade que não era um detetive de homicídios e uma das suas máximas na vida era não se preocupar com o que ainda não acontecera, mas aquele caso não cheirava nada bem. Tinha todas as características de uma investigação de homicídio clássica e, se as coisas dessem para o torto, o que não era improvável tendo em conta quem era a vítima, havia a forte possibilidade de ele vir a sentir o que as pessoas como ele sentem quando as coisas no trabalho correm o pior possível.

Durante um discurso após um jantar que ele fizera na semana anterior, passara muito tempo a falar sobre os recursos limitados da polícia e concluíra comparando esta última com «uma vedação inadequada e mal conservada que tenta conter níveis crescentes de criminalidade».

Fora um discurso muito aplaudido, e ele próprio ficara particularmente satisfeito com a metáfora da vedação, que achara engenhosa e bem formulada. E não fora o único: o editor-chefe do maior jornal local estivera no mesmo jantar e felicitara-o enquanto bebia um café e um conhaque. Mas isso fora naquela altura, e o comissário preferia não imaginar o rumo que os pensamentos do editor-chefe iriam tomar nas próximas horas.

Pior ainda eram os seus sentimentos pessoais e íntimos. Conhecia o pai da vítima e tinha encontrado a jovem assassinada uma série

de vezes. Recordava-a como uma rapariga encantadora e, se tivesse tido uma filha, teria gostado que ela se parecesse e se comportasse como aquela. O que se passa?, perguntou-se. E por que raio está isto a acontecer em Växjö, onde não tinha havido um caso de homicídio durante todos os anos em que ele lá trabalhara. No meu território. E, para cúmulo, em pleno verão.

Foi nessa altura que se decidiu. Por muito sólida que fosse a sua vedação e independentemente do facto de as férias e de outras investigações não estarem a ajudar, era altura de ele se preparar para o pior que podia acontecer. De modo que pegou no telefone e ligou ao seu velho amigo dos tempos da escola, o DCC para pedir ajuda. A que outra pessoa podia ele recorrer numa situação como aquela?

Depois da conversa, que durou menos de dez minutos, o comissário sentiu-se muitíssimo aliviado, quase libertado. A ajuda vinha a caminho, a melhor ajuda possível, da brigada de homicídios da lendária Unidade Nacional de Combate ao Crime, cujo chefe prometera chegar naquele mesmo dia.

Também ele conseguira desempenhar a tarefa com distinção durante as fases iniciais. Nada de estrela de ouro, é verdade, nem sequer uma estrela de prata, mas provavelmente uma de bronze pequenina, pois conseguira pensar num pormenor prático que não era insignificante. Mandara imediatamente a secretária ligar para o Town Hotel e reservar seis quartos individuais para um futuro próximo, e pedira que os quartos estivessem próximos uns dos outros, de preferência isolados do resto do hotel.

No Town Hotel ficaram contentes, porque se estava a meio do verão e havia imensos quartos vagos, o que não era o caso poucas horas mais tarde naquele mesmo dia, quando não se encontrava um único quarto de hotel vago no centro de Växjö.

CAPÍTULO 4

Estocolmo, sexta-feira, 4 de julho

Apesar de serem apenas dez da manhã, durante aquele espantoso verão que começara em maio e parecia não querer acabar, uma das grandes lendas da brigada de homicídios da Unidade Nacional de Combate ao Crime já chegara ao trabalho. Ao contrário da maioria dos seus colegas, o superintendente Evert Bäckström não tinha ido para o campo para se defrontar com mosquitos, uma mulher mal-humorada e filhos choramingas. Para já não falar dos vizinhos loucos, das casas de banho exteriores fedorentas, dos churrascos a tresandar a petróleo e da cerveja quente.

Bäckström era baixo, gordo e primitivo, mas quando necessário, conseguia ser matreiro e lento a esquecer as coisas. Considerava-se um homem sensato no apogeu da vida, um espírito livre de amarras que preferia a vida tranquila da cidade; uma vez que um número suficiente de senhoras apetitosas e escassamente vestidas parecia partilhar da mesma opinião, ele não tinha qualquer razão para se queixar.

As férias de verão eram uma fonte de prazer para pessoas que não sabiam fazer mais nada, um dispositivo usado de forma excessiva por quase todos os seus colegas e, por conseguinte, uma excelente razão para ficar no trabalho, onde finalmente tinha a oportunidade de gerir o seu próprio tempo. O último a chegar e o primeiro a sair, e ninguém à volta para fazer comentários. Isso é que lhe agradava. Havia tempo de sobra para tratar de assuntos diversos fora do comando da polícia e, se algum chefe que ainda por ali andasse por acaso espreitasse para dentro do seu gabinete, ele estava bem preparado.

No dia antes de o seu superior imediato ter ido para férias, Bäckström anunciara que, além de tratar das questões práticas que

pudessem surgir se houvesse algum problema grave, tencionava preencher o tempo livre a rever casos antigos que tinham agora sido esquecidos. O seu chefe não levantara qualquer objeção, em grande parte porque só queria fugir do comando da polícia em Kungsholmen, mas também porque a última coisa que desejava fazer era falar com Bäckström. De modo que a secretária deste estava agora coberta com uma montanha de homicídios por resolver, em que os seus colegas menos dotados a nível de inteligência tinham metido água sem qualquer razão plausível.

A primeira coisa que fez ao chegar ao trabalho foi reorganizar as pilhas de papéis, não fosse alguém espreitar lá para dentro. Depois de planear o resto do dia do conforto da sua cadeira de escritório, atrás da secretária sobrecarregada, clicou no telefone para ativar uma justificação adequada para a sua ausência. Havia várias à escolha, e para evitar qualquer padrão suspeito, lançou um dado para deixar que fosse o destino a decidir se passaria o resto do dia «numa reunião», «fora do gabinete a tratar de assuntos oficiais», «temporariamente fora do gabinete», «em serviço externo» ou até possivelmente «fora, em serviço». Em geral, depois desta tarefa recorrente estar tratada, eram horas de regressar aos problemas e às atribulações do dia indo «almoçar». Uma necessidade humana fundamental, um direito consagrado na legislação laboral e naturalmente uma ausência merecedora de um código próprio no sistema telefónico da polícia. Nem precisava de lançar o dado.

O único problema prático era que havia uma nítida carência de horas extraordinárias e de outras pequenas vantagens pecuniárias, porque, como tantas vezes já acontecera, ele sofria de uma ligeira escassez de fundos, embora só tivesse passado uma semana desde o dia de pagamento. Qualquer coisa há de aparecer, pensou Bäckström. Há sempre o tempo quente e todas as senhoras seminuas da cidade. Não tarda, algum doido espanca um desgraçado qualquer até à morte num destino qualquer de três estrelas digno de uma viagem, e depois haverá horas extraordinárias, despesas e todos os outros benefícios dedutíveis nos impostos para um simples agente da polícia. E, estava ele embrenhado nestes pensamentos encorajadores, quando de súbito o seu telefone tocou.

*

O diretor da Unidade Nacional de Combate ao Crime, Sten Nylander, o DCC, como era geralmente conhecido entre os seus oitocentos colegas, estava igualmente embrenhado nos seus pensamentos quando o comissário da polícia do condado lhe telefonara de Växjö. Pensamentos elevados acerca de um intrincado problema operacional que ele dispusera sobre a vasta mesa de planeamento do seu gabinete de controlo, ou centro operacional, como preferia chamar-lhe, sobre a melhor maneira de acionar a sua unidade de resposta rápida caso terroristas internacionais tivessem a ideia disparatada de tentar sequestrar um avião em Arlanda.

O seu colega de Växjö não possuía evidentemente a mesma capacidade para distinguir inquietações grandes e pequenas, por isso, para evitar desperdiçar metade do dia, prometera enviar imediatamente algumas pessoas da brigada de homicídios. O pior que podia acontecer, caso eles estivessem ocupados, era terem de reorganizar as suas prioridades, pensou ele quando desligou e pediu à secretária que ligasse «àquele sacana gordo do Combate ao Crime, aquele de quem nunca me lembro do nome». A seguir, regressara a questões mais importantes.

— O DCC parece estar ocupado, embora estejamos no auge do período de férias — disse Bäckström enquanto fazia o seu sorriso mais meloso à secretária do chefe e lhe indicava com a cabeça a porta fechada atrás das costas dela. Centro operacional, DCC, deixem-me rir..., pensou ele.

— Sim, ele está muito ocupado — disse a secretária num tom prudente, sem levantar os olhos dos papéis. — Seja qual for a época do ano — acrescentou.

Naturalmente, pensou Bäckström. Ou então tirou um curso e aprendeu que pessoas como ele devem sempre fazer esperar pessoas como eu durante um quarto de hora enquanto leem o editorial de *Svenska Dagbladet*.

— Sim, vivemos tempos agitados — lamentou-se ele.

— É verdade — concordou a secretária, lançando-lhe um olhar severo.

A menos que sejamos o DCC, pensou Bäckström. O estupor também tinha um belo título. DCC tinha ressonâncias militares

e másculas. Era sem dúvida melhor do que ser chefe da Polícia Nacional, o maior galo da capoeira, e ser conhecido por CPN. Quem é que quer ser CPN? Parece uma doença que se apanha depois de estar com a mulher errada.

— Agora o DCC já está livre — informou a secretária, indicando com um aceno de cabeça a porta fechada.

— Muito agradecido — disse Bäckström, fazendo uma ligeira vénia do sítio onde estava sentado. Exatamente um quarto de hora. Até uma criança teria percebido. Até tu, sua fufa provocadora simpática, pensou ele, lançando um sorriso jovial à secretária. Ela não reagiu e limitou-se a olhar para ele com um ar desconfiado.

O superior máximo de Bäckström parecia estar perdido nos seus pensamentos. Continuava ainda a afagar o queixo másculo e bem definido com o polegar e o indicador da mão direita, e quando Bäckström entrou na sala não disse uma palavra, limitando-se a fazer-lhe um aceno breve.

Tipo esquisito, pensou Bäckström. E que roupas ridículas quando estão trinta graus lá fora.

O chefe da Unidade Nacional de Combate ao Crime estava, como de costume, vestido com um uniforme impecável, que naquele dia era composto por um par de botas de montar pretas, as calças azuis da unidade da Polícia Montada e uma camisa imaculadamente branca com galões com quatro listras douradas e uma folha de carvalho rematada por uma coroa real. Do lado esquerdo do peito tinha uma fita com quatro listras, e do lado direito os dois sabres dourados cruzados que, por alguma razão, se haviam tornado o emblema da Unidade de Combate ao Crime. Uma gravata, é evidente, fixada exatamente no ângulo certo com a ajuda do alfinete de gravata dos comandantes seniores do departamento da polícia. As costas direitas que nem um fuso, a barriga para dentro e o peito para fora, como se estivesse a tentar competir com a sua característica física mais proeminente.

Que queixo do caraças! Parece o raio de um petroleiro, pensou Bäckström.

— Se está a pensar na forma como estou vestido — disse o DCC sem lhe conceder um olhar que fosse e sem tirar os dedos da parte do rosto que ocupava os pensamentos de Bäckström —, estou a pensar ir montar o *Brandklipparen* mais tarde.

As moscas não pousam nele. É melhor ter cuidado, pensou Bäckström.

— Um nome real para um cavalo nobre — acrescentou o DCC.

— Era assim que se chamava o corcel de Carlos XII, não era? — perguntou Bäckström obsequiosamente, embora se tivesse baldado a quase todas as aulas de história.

— De Carlos XI e de Carlos XII — disse o DCC. — O mesmo nome, mas evidentemente não o mesmo cavalo. Sabe o que isto é? — acrescentou ele, fazendo um gesto com a cabeça na direção da maqueta intrincada disposta sobre a vasta secretária de planeamento.

Com tantos terminais, hangares e aviões, não deve ser a Batalha de Poltava, pensou Bäckström.

— Arlanda — lançou-se ele a adivinhar. Qual seria o aspeto de Arlanda visto de cima?

— Precisamente — disse o DCC. — Mas não foi por isso que o mandei chamar.

— Estou a ouvir, chefe — disse Bäckström, tentando parecer o aluno mais esperto da aula.

— Växjö — disse o DCC enfaticamente. — Uma investigação de homicídio, uma mulher jovem, encontrada esta manhã estrangulada em casa. Provavelmente também violada. Prometi que os ajudávamos. Reúna uma equipa e partam imediatamente. Trate dos pormenores com Växjö. Se alguém daqui levantar objeções, mande-os vir ter comigo.

Excelente, pensou Bäckström. Raios, aquilo era ainda melhor do que a época dos três mosqueteiros, que fora um dos poucos livros que lera. Enquanto fazia gazeta à escola.

— Tudo bem, chefe — disse Bäckström. Växjö, pensou. Isso não ficava algures perto do mar, lá em baixo na Småland? Deve estar cheio de mulheres nesta altura do ano.

— E só mais uma coisa — disse o chefe da Unidade Nacional de Combate ao Crime. — Antes que me esqueça. Há uma pequena complicação. A identidade da vítima.

Vejamos, disse o cego, pensou Bäckström, quando se sentou à secretária meia hora mais tarde, ocupado a organizar os pormenores práticos. Em primeiro lugar, uma grande injeção de ativos líquidos sob a forma de um vale postal que ele conseguira levantar da

contabilidade, mesmo sendo uma sexta-feira no pico da época de férias. Reforçara a quantia com algumas notas de mil coroas da caixa de gratificações da unidade de crimes violentos. Havia lá sempre qualquer coisa para o caso de surgirem despesas urgentes e inesperadas, e Bäckström estava sempre de olho nela, porque por muito mal provida que a sua conta bancária pudesse estar, ele não fazia qualquer tenção de alguma vez se privar fosse do que fosse.

Conseguira também reunir todos os cinco colegas, quatro dos quais eram agentes da polícia a sério e apenas um era uma mulher. Por outro lado, ela era funcionária civil e ia estar principalmente ocupada a tentar manter a papelada em ordem, de modo que provavelmente ele iria conseguiria viver com isso. E um dos seus colegas ia gostar que ela lá estivesse, tendo em conta que lhe saltava para cima sempre que tinha oportunidade e se encontrava a uma distância suficiente da desgraçada da mulher. Talvez não fosse um grupo de elite, pensou Bäckström ao observar a lista da sua equipa, mas era suficientemente bom, tendo em conta o número de pessoas que estava de férias. Além disso, ele também ia estar presente.

Só faltava tratar do transporte para Växjö e das deslocações enquanto lá estivessem. Sabe-se lá porquê, havia imensos carros, e Bäckström requisitou os três melhores. Para si próprio escolheu o maior *Volvo* de tração às quatro rodas que tinham, com o motor maior e tanto equipamento extra que os rapazes da secção técnica deviam estar pedrados quando o apetrecharam.

Parece que está tudo, pensou Bäckström, riscando os pontos da sua pequena lista. Só faltava tratar da bagagem, mas quando começou a pensar nisso, sentiu-se subitamente inquieto. As bebidas não eram um problema. Por uma vez, tinha álcool para dar e vender em casa. Um dos seus colegas mais novos fora fazer compras a Tallinn durante o fim de semana, e Bäckström comprara uma parte considerável do saque: uísque, vodka e duas grades de cerveja de exportação, com teor alcoólico elevado, que era uma bomba absoluta.

Mas que raio é que vou vestir? Em pensamento, conseguia ver a máquina de lavar estragada, o cesto da roupa a transbordar e as pilhas de roupa suja que cresciam no quarto e na casa de banho havia já quase um mês. Só naquela manhã, antes de sair para o trabalho, é que o problema lhe viera à mente. Acabado de sair do duche e com o corpo a reluzir, ficara ali parado, por uma vez sem se sentir minimamente ressacado, e tivera uma trabalheira a cheirar a roupa toda

até encontrar uma camisa e um par de cuecas que não fizessem as pessoas pensar numa loja de queijos dinamarqueses, caso tivesse de falar com elas. Isto resolve-se, pensou ele, fulminado subitamente por uma ideia brilhante. Primeiro, um desvio rápido pelo centro comercial da Sankt Eriksgatan para comprar qualquer coisa gira e nova. Já não estava com falta de dinheiro e, agora que pensava, podia simplesmente levar a roupa suja consigo e entregá-la para lavar no hotel em Växjö. Genial, pensou Bäckström. Mas antes, o almoço, porque seria pura negligência embarcar num caso de homicídio de estômago vazio.

Bäckström tinha comido um almoço decente num restaurante espanhol nas proximidades, com uma data de tapas e outras delícias convenientemente estivais. Como tinha decidido que os patrões podiam pagar a conta, adicionou à fatura um informador não totalmente presente. Este informador tinha tido o bom senso de beber dois grandes copos de cerveja. Já Bäckström, como estava de serviço, contentara-se com uma simples água mineral. Quando voltou a sair para a rua, satisfeito e revigorado, sentiu-se bem como não se sentia há séculos. O sol brilha e a vida corre bem, pensou, dirigindo-se para o seu apartamento. Nem precisou de apanhar um táxi, pois nos últimos anos tinha vivido num pequeno apartamento simpático na Inedalsgatan, que ficava apenas a uns minutos a pé do comando da polícia, perto do parque de Kronoberg.

Ficara com o apartamento que era de um colega que se reformara havia alguns anos, alguém que ele conhecera durante o período que passara na divisão do crime violento em Estocolmo. O seu antigo colega mudara-se para a casa de verão, no arquipélago, onde podia beber até à morte em paz e sossego, fazendo umas pescarias pelo meio. Por conseguinte, já não precisava do apartamento na cidade e tinha transferido o contrato para Bäckström.

Este tinha vendido o seu próprio apartamento a um colega mais jovem da investigação criminal local, que fora expulso da casa onde estava por ter tido um caso com uma agente fardada; mas, como ela já era casada com um outro colega que trabalhava na unidade de resposta rápida e às vezes era um sacana perverso, não pôde ir viver com ela. Em vez disso, comprara o apartamento de Bäckström. A pronto, livre de impostos e a um preço aceitável, em troca de

o ajudar a levar as coisas para a casa nova na Kungsholmen. Dois quartos, cozinha e casa de banho, no segundo andar de um prédio enfiado num pátio. Uma renda razoável, vizinhos na sua maioria idosos que nunca faziam barulho nenhum e não tinham a menor ideia de que ele trabalhava na polícia, de modo que melhor não podia ser.

O único problema era que tinha de arranjar uma mulher que lhe fizesse as limpezas e lhe lavasse a roupa a troco de umas boas quecas na sua robusta cama da Ikea. Porque naquele momento, a casa estava um nojo, pensou Bäckström enquanto guardava a roupa suja num grande saco desportivo para a transportar posteriormente para o Town Hotel de Växjö.

Teria sido melhor se pudesse levar o apartamento inteiro com ele e entregá-lo na receção, pensou. Que se lixe, a coisa há de se resolver. Bäckström foi buscar uma cerveja gelada ao frigorífico. Depois de encher um segundo saco com tudo o resto de que precisava, de súbito foi assaltado por um pensamento terrível. Era como se alguém o tivesse agarrado por trás, pelo colarinho, e o tivesse abanado; nos últimos anos aquilo acontecera-lhe com demasiada frequência. Que diabo vou fazer com *Egon*?

Egon tinha o nome do colega reformado que lhe arranjara o apartamento, mas fora isso não tinham mais nada que ver, pois o *Egon* de Bäckström era um peixinho dourado da variedade mais comum, ao passo que o homem que lhe tinha dado o nome era um antigo agente da polícia de quase setenta anos.

Bäckström recebera *Egon* e o seu aquário de uma mulher que conhecera havia seis meses. Respondera a um anúncio que vira na Internet. O que o levara a responder fora, em parte, a descrição que a anunciante fazia de si mesma, mas sobretudo a maneira como ela terminava: *dá-se preferência a fardas*. Bäckström tinha tido o cuidado de evitar usar farda desde que se tornara suficientemente importante na corporação para se defender a si mesmo, mas quem queria saber de pormenores desse género?

A coisa começara por funcionar muito bem. A descrição que ela fizera de si própria como uma *mulher livre e de mente aberta* não era inteiramente infundada. Mas só no início, não passado algum tempo,

quando começou a ficar espantosamente parecida com todas as outras mulheres lamurientas que tinham passado pela vida dele. E as coisas tinham acabado como acabavam normalmente, à exceção de *Egon*, porque ele ainda ali estava. As coisas estavam naquele momento tão más que Bäckström começara a sentir-se ligado a ele.

O progresso emocional na relação entre *Egon* e Bäckström ocorrera dois meses antes, quando este último fora forçado a ir para a província durante uma semana investigar um homicídio, não podendo, por conseguinte, alimentar diariamente um peixinho dourado.

Primeiro, ligara à mulher que o sobrecarregara com o pequeno dilema com escamas, mas ela gritara com ele e desligara o telefone. Que se lixe, pode ser que resulte, pensou Bäckström, e apesar do aviso num dos lados do recipiente, despejara meio frasco de comida dentro do aquário antes de partir. É a vantagem de ter um peixinho dourado, pensou ele, sentado no carro, a caminho da investigação de homicídio. Um cão não se deita pela retrete se morrer, e ainda era capaz de conseguir umas centenas pelo aquário se pusesse um anúncio *online*.

Quando regressou, dez dias mais tarde, *Egon* ainda estava vivo. É verdade que quando Bäckström se fora embora ele tinha uma cor consideravelmente mais viva e que passou alguns dias a nadar num ângulo estranho, mas depois disso voltara a ser igual a si próprio.

Bäckström ficou impressionado e chegara mesmo a falar de *Egon* no trabalho, na sala do pessoal, referindo-se-lhe como «um sacaninha invulgarmente rijo», e foi mais ou menos nessa altura que começou a afeiçoar-se a ele. Às vezes, até dava por si sentado ao fim da tarde a olhar para ele, enquanto beberricava uma bebida bem merecida depois de um longo e árduo dia de trabalho. Observava *Egon* a nadar para a frente e para trás, para cima e para baixo, sem parecer minimamente preocupado com o facto de não haver qualquer peixe fêmea nas proximidades. Tu é que a sabes toda, amigo, pensava Bäckström. Comparado com todos os documentários inúteis sobre a natureza que davam na televisão, *Egon* era claramente um triunfador.

Só tenho de me certificar de que a investigação não se arrasta demasiado, pensou Bäckström, sentindo-se ligeiramente culpado enquanto media com o polegar uma dose copiosa de comida e a atirava

para o aquário do seu amiguinho silencioso. E se as coisas começassem a arrastar-se, ele podia simplesmente ligar para o trabalho e pedir a um dos colegas que se ocupasse da rotina diária.

— Cuida de ti, amigo — disse Bäckström. — O papá tem de ir trabalhar para fora. Até breve.

Um quarto de hora mais tarde, estava sentado no carro a caminho de Växjö, com dois outros colegas da brigada de homicídios.